

Língua-discurso e tradução: uma análise de *O Assassinato de um Dente-de-Leão*, de Alfred Döblin

JONATAS SILVA DO NASCIMENTO ¹;
AROLDO GARCIA DOS ANJOS ²;
DAIANE NEUMANN ³

¹Universidade Federal de Pelotas – jonatas.silva15@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – aroldodosanjos@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – daiane_neumann@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo discutir, a partir das reflexões de Émile Benveniste sobre a linguagem, aspectos linguísticos que perpassam a tradução, considerando a relação de forma e sentido nas perspectivas de discurso e enunciação nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, tendo em vista a indissociabilidade entre subjetividade e intersubjetividade inerentes ao discurso. Com isso, objetivamos observar no processo tradutório o funcionamento do que Benveniste definiu como língua-discurso.

Em trabalho anterior, intitulado “Aspectos linguísticos da tradução: uma reflexão benvenistiana”, problematizou-se sobre o que se traduz quando se traduz o discurso concebido segundo a reflexão benvenistiana. A partir das reflexões realizadas, concluímos que se pode transpor o semantismo de uma língua para outra, assim, a possibilidade da tradução está no nível discursivo.

Benveniste parte de Ferdinand de Saussure (2002) no que concerne ao funcionamento da língua, com as noções de arbitrariedade, signo, valor e sistema. Contudo, Benveniste reinterpreta a dualidade de forma e sentido, traça uma linha por dentro da língua inteira a fim de distinguir o que nomeou de domínio semiótico e abre um novo domínio de significação, denominado semântico, ou seja, o discurso. Desse modo, “se deixa [...] o domínio da língua como sistema de signos e se entra num outro universo, o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 139).

Assim, entende-se que a noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação, a frase é a expressão semântica do discurso, e “[...]se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (BENVENISTE, 1989, p. 231). Então, o sentido não se trata do significado do signo, mas do que se pode chamar de intencionado, da atualização linguística do pensamento, a partir da língua-discurso.

Considera-se que a tradução acontece no nível discursivo, e o que se traduz é o seu sentido, na acepção semântica. Objetivamos, assim, discutir de forma mais aprofundada essa perspectiva, bem como relacioná-la com o processo tradutório, através da análise de duas versões, em português e em alemão, do conto: *Die Ermordung einer Butterblume*, de Alfred Döblin, traduzido para o português como *O Assassinato de um Dente-de-Leão*, por Marcelo Backes.

2. METODOLOGIA

Desde que iniciamos o projeto “Émile Benveniste e a abertura para uma antropologia histórica da linguagem”, partimos para uma leitura atenta e minuciosa dos textos teóricos presentes nas obras *Problemas de Linguística Geral I e II*, quais sejam: “Os níveis de análise linguística”, “A forma e o sentido na linguagem”, “Semiologia da língua”, “O aparelho formal da enunciação”, “Da subjetividade na linguagem”, “A linguagem e a experiência humana” e “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”.

Em um primeiro momento, a leitura dos quatro primeiros textos citados serviu de base para pensar questões linguísticas para as quais é preciso atentar na construção do discurso, a partir das relações entre forma e sentido na linguagem. Os últimos três textos da coletânea, acima citados, ofereceram subsídios para refletir acerca da indissociabilidade entre subjetividade e intersubjetividade na linguagem e inerentes ao discurso.

Em um segundo momento, buscamos apoio ainda na leitura que Gérard Dessons faz da obra benvenistiana, em *Émile Benveniste, l’invention du discours*. Percebemos que a abertura da dupla significação da língua disposta por Benveniste faz com que não se limite a tradução à análise intralinguística. Doravante, entendemos que a tradução acontece no nível discursivo, na análise translinguística dos textos, e, por essa razão, objetivamos observar no processo tradutório o funcionamento do que Benveniste definiu como língua-discurso.

Com base nessa discussão teórica, concebemos o ato de tradução como produção enunciativa e atualização da experiência humana. Então, para apontar o potencial teórico-prático de contribuição da linguística benvenistiana para os estudos da tradução, temos como objetivo o cotejo de duas versões de um conto, em alemão e em português. Discutiremos sobre como se constroem os sentidos em uma tradução e quais elementos estão em jogo nesse processo. Para tanto, analisaremos *Die Ermordung einer Butterblume*, conto de Alfred Döblin, traduzido para o português como *O Assassinato de um Dente-de-Leão*, por Marcelo Backes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *O Assassinato de um Dente-de-Leão*, é contado um inusitado incidente na vida de um senhor a princípio desconhecido do leitor, mas que logo será chamado de Herr Michael Fischer. A narrativa é concebida pelo olhar do narrador na forma de uma retrospectiva. A voz do narrador constitui as suas ações como acabadas na obra em alemão, sobretudo pelas marcas do tempo verbal do *Präteritum*. A partir do presente da instância de fala, ele constitui a história, ordenando os fatos na reconstrução do passado.

Em termos benvenistianos, a narrativa do conto em alemão é marcada pelo uso da não-pessoa, através do pronome *er* (ele). Com isso, ocorre um efeito de distanciamento: os personagens estão na posição de ausentes, não tomam a palavra e nem participam diretamente do diálogo. A imagem concebida de pessoas, tempo e espaço é via o outro, o narrador. A imagem que o leitor possui do personagem Herr Michael Fischer é constituída pelo discurso do narrador, que só possui existência a partir da evocação pelo narrador.

Os resultados da pesquisa são ainda parciais, visto que a análise das versões do conto ainda se encontra em processo inicial. No entanto, do ponto de vista teórico, alguns resultados já podem ser referidos. Pudemos observar que a língua

pode formar um sistema de valores, devido ao fato de que Saussure (2002) a considerou arbitrária. No semiótico, é a relação que constitui o valor, é o todo do sistema que define o valor que é atribuído às suas partes. Ademais, os signos adquirem valor a partir das relações associativas e sintagmáticas que se estabelecem dentro do sistema. Dessa forma, percebe-se que há organização de signos segundo o critério da significação, tendo cada um desses signos uma denotação conceptual e particular de cada sistema linguístico.

Segundo Benveniste (1989), sob os fundamentos do semiótico, a língua-discurso constrói uma semântica própria, uma significação intencionada, produzida pela sintagmatização das palavras, em que cada palavra não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo.

A enunciação fornece as condições necessárias e supõe a conversão da língua sistema, onde o locutor se apropria do aparelho formal e semantiza a língua por um ato individual, transformando-a em língua-discurso. Pela enunciação o falante toma a língua por instrumento de ação e realização, a partir da relação do locutor com a língua que determina os caracteres linguísticos e manifesta o discurso.

Para Benveniste (1989), o discurso é ao mesmo tempo portador de uma mensagem e instrumento de ação, nele emprega-se livremente todas as formas pessoais do verbo. Para que o discurso se realize é necessário que designe o “eu” como o locutor, propondo-se como sujeito e envolva o outro como “tu”, pois, para introduzir a situação de alocação, é indispensável estabelecer para quem se redireciona. Isso faz da linguagem o próprio instrumento de comunicação subjetiva e implicando o outro, nasce a intersubjetividade. A forma dita de terceira pessoa “ele” comporta uma indicação do enunciado, mas a forma verbal tem por função exprimir a “não-pessoa”, pois o “ele” não se coloca como posição de reversibilidade.

Os indicadores de pessoas só existem nas condições do emprego, concomitantemente com os indicadores de ostensão, ambos constroem na instância do discurso os planos de referências pessoais, temporais e espaciais. Pois, segundo Benveniste, “a linguagem criou um conjunto de signos ‘vazios’ não referenciais, sempre disponíveis, e que se tornam ‘plenos’ assim que o locutor os assume em cada instância de seu discurso” (1976, p. 280). Os indicadores tornam a obra um produto da enunciação, e pela relação de subjetividade e intersubjetividade constroem pelo ato um evento discursivo. O locutor construirá atos cada vez mais únicos, singulares, irrepitíveis e discretos pelos quais a língua é atualizada pelo agenciamento do seu repertório linguístico. Consequentemente, por não se tratar de aspectos formais propriamente ditos e pela presença da subjetividade e intersubjetividade no discurso, reconhece-se que a questão de sentido é norteadora e não se dá separada da análise linguística. Pela análise, buscaremos entender o sentido concebido no discurso produzido, pois, no domínio discursivo, as unidades da língua são passíveis de receberem outros valores, novos, singulares e imprevisíveis.

4. CONCLUSÕES

As conclusões deste trabalho de pesquisa são ainda parciais, na medida em que a análise das versões do conto de Alfred Döblin ainda se encontra em fase inicial. Ainda assim, a partir das reflexões benvenistianas, podemos observar que a análise linguística se estabelece em relação ao que o linguista denominou “sentido”, “domínio semântico”, “frase” e “discurso”. Nessa discussão, ressalta-se

que a questão do sentido é fundamental, pois não há uma estabilidade dos conceitos e dos sentidos, mas sim uma constante atualização que se dá nas relações humanas, que são sempre criativas e performativas.

Para refletir acerca da tradução, pretende-se, nos próximos passos, realizar o movimento teórico-prático de observação do conto *Die Ermordung einer Butterblume*, de Alfred Döblin, traduzido para o português como *O Assassinato de um Dente-de-Leão*, por Marcelo Backes. Tal movimento se dará a partir das reflexões da linguística benvenistiana, a fim de enriquecer o campo de trabalho que este projeto se situa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SAUSSURE, F. De. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2002.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri, com revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Ed. Nacional, Ed da Universidade de São Paulo, 1976.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Kock, com revisão técnica de Eduardo Guimarães. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.

BACKES, Marcelo; RENNEN, Rolf G. **Escombros e Caprichos: o melhor do conto alemão do século 20**. Porto Alegre: L & PM, 2004.

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: In Press Eds, 2006.